



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FERNANDA CHARIS CASSIANO

**A FAMÍLIA OVITZ E O HOLOCAUSTO: OS SETE
ANÕES EM AUSCHWITZ**

LONDRINA

2008

FERNANDA CHARIS CASSIANO

**A FAMÍLIA OVITZ E O HOLOCAUSTO: OS SETE
ANÕES EM AUSCHWITZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História pela Universidade
Estadual de Londrina, como requisito parcial à
obtenção de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Neves
Soares

LONDRINA

2008

FERNANDA CHARIS CASSIANO

**A FAMÍLIA OVITZ E O HOLOCAUSTO: OS SETE
ANÕES EM AUSCHWITZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História pela Universidade
Estadual de Londrina, como requisito parcial à
obtenção de Licenciatura em História.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antônio Neves Soares
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a Dr.(anda)Renata Sirqueira
Universidade Estadual Paulista

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, Dezembro de 2008.

Aos meus sobrinhos Flavia, Klaus e Carolina, que eles entendam o sentido de tolerância.

In Memoriam

A minha pessoa favorita que dentre milhões de coisas cuidou da minha educação com total zelo, Neusa Cassiano.

AGRADECIMENTOS

A minha mais profunda gratidão a Neusa Cassiano, minha companheira, grande amor e mãe, que sonhou e viabilizou meu acesso a faculdade, seu carinho amor e bons valores são coisas que carregarei para o restante de minha vida. A minha tia Nilde Cassiano que me abrigou nos últimos três anos e aos meus sobrinhos, fontes de alegria e energia.

A realização desse trabalho não seria possível sem a dedicação e empenho de Marco Antônio Neves Soares, que me orientou durante todo esse processo, a ele o meu mais profundo obrigada.

O apoio de amigos se mostrou importante nesse período, entre eles gostaria de agradecer Celina Negrão, Silvia Lenz, Gisele, Jullie Anne, Patrícia Trovino, Daniela Reis, Patrícia dos Santos Pereira e Claudinei de Lira que alimentaram meus dias de força e esperança.

Obrigada a Manuela Garanhani que soube ser uma grande amiga, principalmente nos momentos mais difíceis. Ao Gilberto Guizelin e a Sirlene Marcolino por estarem juntos comigo desde o início. A Helen Torrecillas e a Susana da Silva pelos momentos de insanidade.

Aos professores Alfredo Oliva e Renata Barbosa por contribuir na participação na banca examinadora.

Ao corpo docente do departamento de história da UEL por me ensinar o história e o que fazer com ela. Aos funcionários do CDPH, sempre simpáticos e prestativos.

Por fim, obrigada a minha querida amiga Ana Galeano que dentre milhões de coisas me mostrou como a vida pode ser melhor se acreditarmos nisso.

RESUMO

O Genocídio Judaico na Segunda Guerra Mundial é um acontecimento que deixou milhões de vítimas, essa história ainda está sendo escrita, principalmente com o auxílio de biografias e autobiografias, que nos possibilitam conhecê-lo mais a fundo, partindo de testemunhos oculares. Este trabalho buscou analisar uma dessas biografias, *Gigantes no Coração* de Yehuda Koren e Eilat Negev, que conta a história de sete anões que sobreviveram ao holocausto.

Palavras-Chave: Genocídio Judaico; Família OVitz e Biografia.

RESUMEN

El Genocidio Judaico en la Segunda Guerra Mundial fue un acontecimiento que dejó millones de víctimas, esa historia todavía está siendo escrita, principalmente, con el auxilio de biografías y de autobiografías, que nos posibilitan que lo conozcamos más profundamente, partiéndose de testigos oculares. Este trabajo tuvo como objetivo analizar una de esas biografías, *Gigantes no Coração* de Yehuda Koren y Eilat Negev, que cuenta la historia de siete enanos que sobrevivieron al holocausto.

Palavras-clave: Genocidio Judaico; Familia OVitz; Biografía

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1- A Situação dos Judeus na Alemanha com a Ascensão do Nazismo em 1933.....	13
2- Um breve histórico sobre a conjuntura política da Romênia (1918-1940) e a história da família Ovitz.....	21
2.1. A Família Ovitz.....	25
3- Gigantes no Coração: Análise da biografia de Yehuda Koren e Eilat Negev.....	28
4- Considerações Finais.....	37
5- Referências Bibliográficas.....	38

INTRODUÇÃO

Muitos são os autores que se preocuparam com o genocídio judaico na Segunda Guerra Mundial. Hoje, 63 anos depois da libertação do último campo, o que temos ainda é a angústia de tentar compreender como o homem pôde projetar tais acontecimentos.

O início do século XX estava tomado por idéias eugênicas que já vinham ganhando campo desde o século XVIII, a ciência se mostrava necessária para limpar o mundo dos degenerados. E esse foi um processo construído por pessoas de grande credibilidade enquanto portadoras de inteligência, como médicos e antropólogos, que através de estudos científicos chegaram à conclusão que características culturais eram passadas geneticamente.

O nazismo então interpretou que as melhores qualidades estavam na “raça”¹ ariana da qual se consideravam descendentes. A partir disso as perseguições aos que não faziam parte da “raça superior” passaram a se intensificar eslavos, negros, homossexuais, ciganos e judeus já não estavam mais seguros. Muitas leis foram imposta sendo uma delas as leis de Nuremberg, que vinham com o intuito de defender a honra e o sangue alemão, proibindo entre outras coisas os casamentos dos “arianos” com os judeus.

As ofensivas contra eles cresceram cada vez mais, o Estado havia lhes tirado a cidadania e em 9 de novembro de 1938, um grande pogrom² foi voltado contra eles. Destruíram os comércios, casas, queimaram seus livros, sinagogas, além de atos de violência física causando a morte de várias pessoas. Esse acontecimento ficou conhecido como a Noite dos Cristais, devido aos vários vidros quebrados.

A exclusão social se intensificou com a construção dos guetos (localidades fechadas, homogenias, as pessoas eram forçadas a se excluir dos

¹ Embora aceitemos o termo etnia como o mais adequado para designar um povo, utilizamos a palavra raça porque era mais usada no período que estudamos.

² Geralmente são atos de violência, que podem ou não ser acompanhados por pilhagens e assassinatos contra uma comunidade étnica e religiosa.

espaços sociais.), onde muitos morriam devido às situações precárias de vida. Em 1942, foi decidida a solução final para a questão judaica, na conferência de Wannsee. E a partir disso as deportações cresceram junto ao número de assassinatos, tendo muitas das vítimas sido levadas aos campos de concentração e extermínio.

A vida nesses lugares era de desespero, medo e principalmente de fome. O jornalista Lawrence Malkin (2007) conta que a recepção era desumanizadora, pois destituídos de suas casas, empregos e vida social, perdiam os últimos bens miseráveis que lhes restavam, como as roupas e a dignidade ao se verem de cabeça e os púbis raspados.

Centenas de milhares de pessoas morreram por inanição, doenças, exaustão devido aos trabalhos forçados e nas câmaras de gás. E esse acontecimento histórico foi alvo de debate de muitos estudiosos dos quais apresentaremos algumas discussões sem maiores aprofundamentos neste momento.

Roney Cytrynowicz escreveu sobre o assunto chamando-o de barbárie, colocando que o crime cometido contra o povo judeu foi um crime contra a humanidade, porque essa significa diversidade étnica e cultural.

O autor usou as palavras genocídio e extermínio para se referir ao tema, explicando que holocausto tem uma conotação de sacrifício “[...] imolação em chamas, como se os judeus tivessem se sacrificado em nome de alguma coisa. Nada mais equivocado do que dar qualquer sentido religioso do genocídio praticado pelos nazistas”.(CYTRYNOWICZ, 1990, p. 13).

Há aqueles como Jaffa Berezin (s/d) que preferem usar o termo *shoah*, palavra hebraica que significa destruição. Berezin ainda discute a posição de alguns historiadores, dizendo que uns vêem o acontecimento como um evento que ultrapassa o curso da história da humanidade, e outros acham que ela é o ponto mais intenso da maldade humana.

Márcio Seligmann que se dedicou a estudar a memória traumática traz idéias que permeiam discussões sobre a representação, como representar o holocausto se não temos aparato conceitual para tal, pois o acontecimento extrapolou as esferas do que se tinha como desumanidade.

Há estudiosos como Norman Finkelstein (2001) que denunciam a venda da memória do holocausto para justificar políticas como a de Israel e

Estados Unidos, como a comunidade judaica estadunidense, que manipula a história a seu favor. “*A Indústria do Holocausto*” de Finkelstein é um livro tão polêmico quanto “*Os Carrascos Voluntários de Hitler*” de Daniel Goldahagen. Esse acusa todos os alemães de carrascos, colocando que sabiam dos assassinatos em massa dos judeus e de acordo com ele, ocultar ou silenciar sobre tamanha atrocidade era uma forma de auxiliar no genocídio. E chega a dizer: “[...] sem alemães não haveria holocausto”.(GOLDHAGEN, 1997, p.14).

O autor deixa claro em seu livro que sua pretensão era tentar entender como milhares de pessoas se tornam genocidas. Para isso dá um exemplo de um grupo de SS que torturavam suas vítimas sem motivos, quando o fim da guerra se mostrava próximo, e então diz:

Porque permaneceram junto a elas e assim continuaram até os momentos finais, matando, torturando essas vítimas [...]. Porque não abandonaram esse empreendimento patentemente insensato, mas preferiram arriscar uma possível captura? Qual era o sentido de tudo isso para os alemães? (GOLDHAGEN, 1997, p. 378)

Então, para ele os perpetradores foram coagidos pelo Estado maior. E essa coerção era uma prática implícita na sociedade, através do ensino e das propagandas nazistas. O sistema totalitário ensinava desde cedo a odiar judeus e outro povos considerados inferiores, a preservar a unidade da raça aariana e a ser obediente a doutrina fascista. Ou seja, os alemães estavam sendo ideologicamente ensinados a ter tal comportamento.

Pierre Vidal Naquet (1988) dedicou grande parte de sua vida aos estudos sobre história antiga, no entanto, uma crescente onda negacionista de alguns revisionistas na França, fez com que ele escrevesse “*Os Assassinos da Memória*”, no qual deixa transparecer toda sua indignação com essas pessoas que negam o genocídio e diz: “Um diálogo entre dois homens, mesmo adversários supõem um terreno comum, um respeito comum, no caso, pela verdade. Com os ‘revisionistas’ esse campo não existe.” (NAQUET, 1988, p.11)

Isso porque para o autor, os revisionistas não possuem métodos para analisar uma fonte, pois esses pressupõem ter a verdade irrefutável dos acontecimentos, negando coisas das quais existem evidências, como as câmaras de gás, o número de mortos e as técnicas usadas para o extermínio. Sua crítica também atinge a rede internacional de propagandas e publicações de livros, sites e outros meios para divulgar tais idéias. Outros aspectos do

holocausto como as novas técnicas modernas auxiliaram na perpetração do genocídio como as máquinas *holerith* que forneciam os nomes para os nazistas, as instalações das estradas de ferro e as câmaras de gás, idéias essas colocadas pelo Edwin Black (s/d) em "*IBM e o Holocausto*."

Zygmund Baumann (1998), por sua vez, discutiu sobre a sociedade moderna e sua capacidade de organização burocrática e as formas como a violência foi reutilizada em prol do progresso usando de bases teóricas e materiais para fazer o holocausto. Sobre o assunto Baumann diz: "O genocídio moderno é um elemento de engenharia social que visa produzir uma ordem social conforme um projeto de sociedade perfeita".(BAUMANN, 1998, p.114).

Enfim, muitos são os estudiosos que focaram suas atenções para um acontecimento tão recente que ainda causa muito impacto, aqui apontamos apenas alguns aspectos de discussões longas e intensas nas quais não nos aprofundaremos, visto que nossos objetivos são outros.

O presente trabalho pretende analisar uma biografia referente ao assunto, *Gigantes no Coração* de Yehuda Koren e Eilat Negev, que contam a história de uma família de sete anões (os irmão Ovitz) que passaram pela experiência das perseguições nazistas e dos campos de concentração e extermínio.

Assim a fonte nos possibilita entender melhor a segunda Guerra Mundial, a compreender como um Estado moderno como a Alemanha organizou uma estrutura tão significativa de eugenia, e a analisar a constituição da memória em molduras históricas, visando entender como um sobrevivente do holocausto expressa suas lembranças, abordando também discussões sobre memória traumática, e por fim localizar aspectos dessa memória na obra citada.

A primeira parte do trabalho procurou dar conta de contextualizar a Alemanha no período da ascensão do nazismo em 1933 até a solução final para a questão judaica em 1941, dando enfoque na situação dos judeus. Para a melhor compreensão da conjuntura política da região que Ovitz nasceram, Transilvânia, se mostrou necessário no segundo capítulo fazer um breve histórico das questões políticas que a Romênia vivia no período pós-Primeira Guerra Mundial e início da Segunda. No terceiro capítulo se concentra a

análise da obra *Gigantes no Coração*, para isso utilizaremos discussões sobre fontes orais, biografia e memória.

Tendo essas idéias em mente, podemos dizer que o livro é um testemunho, que pelo seu teor literário causa emoção no leitor. E pensando dessa forma, poderíamos dizer que por conta da sua habilidade com a escrita e sua formação literária os jornalistas construíram suas idéias visando tais perspectivas no receptor da história, como raiva dos nazistas e compaixão pelas vítimas e uma ponta de indignação.

Tendo feito essas considerações, ainda se mostra necessário dizer que o presente trabalho permeia o campo da história cultural. De acordo com Silva e Silva, o significado mais simples do termo diz que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo, sendo assim, ela se apresenta como um complexo de conhecimento e habilidade humana empregada socialmente, que nos permite analisar comportamentos, sentimentos, ações, valores, símbolos, entre outras coisas, nos dando bases para conhecer melhor o homem e forma como esse vive socialmente.

Dessa forma cultura também pode ser entendida como realizações humanas ao longo do tempo, se aproximando assim da história. No entanto, para que possamos melhor analisá-la se mostra presente a necessidade de diálogos com outras ciências, como a sociologia, literatura e antropologia, essa última que desde o século XIX procura se fundamentar em teorias culturais para se firmar enquanto campo do conhecimento, se tornou grande parceira da história numa relação profícua.

Essa situação se tornou possível a partir da escola dos Annales, assim como aconteceu com a História Social. Hebe (1997) nos conta que a Nova História inseriu nessa área a história-problema em detrimento da história dos grandes fatos e heróis. Assim, os problemas do homem e da sociedade ganhavam mais criticidade.

Sobre o assunto Castro diz o seguinte: “A história em sentido restrito sugeriria, assim, como abordagem que a busca formular problemas históricos específicos quanto aos comportamentos e as relações entre os diversos grupos sociais”.(CASTRO, 1997, p.48)

Devido a tais premissas o historiador teve seu horizonte abrangido, se vendo com um leque de possibilidades de fontes, já que entre algumas

passaram a aceitar abordagens temáticas e interdisciplinares em seus domínios.

Esse é um campo que nos apetece, pois nos permite analisar relatos de indivíduos, não aqueles que foram exaltados pela historiografia factualista, mas homens do cotidiano, humanizando ainda mais nossa área do conhecimento.

Com isso entendemos que as biografias e autobiografias referentes ao genocídio judaico têm auxiliado o historiador para melhor analisar o acontecimento. Os estudos sobre o holocausto ainda vem sendo feito, pois devido à falta de referência de uma atrocidade parecida, os pesquisadores se vêem na necessidade de mais esclarecimento para historicizar o genocídio.

A SITUAÇÃO DOS JUDEUS NA ALEMANHA COM A ASCENSÃO DO NAZISMO EM 1933

Quem foi torturado permanece torturado [...] quem sofreu o tormento não poderá mais ambientar-se no mundo, a miséria do aniquilamento jamais se extinguiu. A confiança na humanidade, já abalada pelo primeiro tapa no rosto, demolida posteriormente pela tortura, não se readquire mais.

Jean Améry

Pós-Primeira Guerra Mundial, um caos econômico e social se espalhou pela Alemanha. Derrotada, esta se viu obrigada a assinar um documento que a privaria de muitas coisas além de condená-la culpada pela guerra. Assim a república de Weimar, recém estabelecida no país assina o tratado de Versalhes.

Com isso o nascimento da ideologia nazista se alimentaria das condições precárias em que se encontrou a Alemanha, visto que ela estava destruída física e moralmente.

Tentam um golpe de estado (o *Putsh* de Munique) em 1923, mas sem sucesso, alguns membros foram presos, incluindo o seu líder, Adolf Hitler, que durante esse período escreveu um livro intitulado de Minha Luta (*Meim Kampf*), onde colocou suas idéias sobre seu caráter ultranacionalista, prezando o racismo e a superioridade ariana, combatendo também a revolução socialista. Essas concepções deram estrutura ao partido nazista e quando Hitler ascendeu ao poder em 1933 colocou-as em prática.

Seria algo tentador acreditarem em um homem que em meio ao caos e as humilhações sofridas dissesse que os alemães não deveriam se curvar, pois eram a raça superior, a chamada ariana. Assim, de acordo com Izidoro Blikstein que se fundamenta em uma teoria lingüística sobre o indo-europeu, o mito do arianismo teria se formado a partir do termo sânscrito *Arya* (amigo), nome de uma primeira tribo indo-européia, os árias eram aqueles que representariam o primeiro estágio de uma raça pura que falassem uma língua perfeita. Dessa forma acreditavam que a língua alemã se aproximaria do estágio da perfeição, visto que eram descendentes dos *Aryas*.

O nazismo proclamava aos quatro cantos sua ascendência pura, e nesse momento como a idéia de progresso significava melhorar algo, mantiveram-se firmes no propósito de elevar a condição do alemão e combater a degeneração de sua raça.

A seleção dos que tinham por dever serem superiores estava fundamentada no chamado Darwinismo social de Espencer e Francis Galton, que acreditavam que a cultura e o conhecimento eram passados geneticamente. Sendo assim, Hitler interpretou que era nos arianos que se encontravam as melhores qualidades. Exemplo disso foi o programa de eutanásia de 1939, em que os alemães “sadios”, não poderiam se misturar com doentes mentais, insanos, criminosos, judeus, ciganos e homossexuais.

Pois além de não serem aptos à sociedade, estariam infectando a raça pura. E o importante era obter homens “perfeitos”, os arianos não poderiam fugir a essa regra. Para isso o governo alemão organizou um programa para esterilizar os “insuficientes” da Alemanha, a eutanásia matou milhares de pessoas que eram consideradas incuráveis, como os epiléticos, cegos, surdos e mudos hereditários, pessoas com má formação congênita, alcoólatras, esquizofrênicos e outros. Tendo em vista essas discussões, como teria ficado a condição dos judeus na Alemanha nazista?

Os judeus vêm sendo perseguidos durante um longo período na história, na Alemanha isso já era uma prática que acontecia muito antes da ascensão do nazismo, porém quando essa acontece, a perseguição se tornou algo “legal”, visto que o partido oficializou cerca de 400 leis e decretos anti-judaicos.

Já em *Mein Kampf*, Hitler culpava os judeus de terem enriquecido com a guerra e levado a Alemanha à derrota.

E dentro do padrão social do nazismo, eles se encontravam como os principais agentes degeneradores, outros povos como os ciganos e eslavos eram as raças inferiores, mas o judeu não, esses eram a anti-raça.

No entanto, cabe-nos pensar o seguinte, um mito só se constitui em cima de outro, pois é descredenciando outros que nos firmamos. Os judeus desde os hebreus vêm sendo perseguidos, massacrados e expulsos de vários territórios, mesmo assim é um povo que conseguiu manter suas raízes fortemente implantadas dentro de suas comunidades, muitos acreditavam que

seriam eles os escolhidos. Porém, mais uma vez são demonizados e dessa vez são reduzidos a menos que nada pelos nazistas.

Já em abril de 1933, foi organizado um boicote contra eles, com o tempo passaram a ser excluídos dos serviços públicos, bem como das funções liberais, suas presenças já não eram bem vinda nas escolas e universidades, nos clubes, nas lojas alemãs e em muitos outros lugares.

As leis não puniam somente os judeus, mas todo o “ariano” que se envolvesse com esses, podendo sofrer represálias do governo, como perder o emprego ou ser preso.

Em 1935, decretaram as Leis de Nuremberg, que visavam defender a honra e o sangue alemão. Com isso os relacionamentos entre judeus e não judeus estavam proibidos. O historiador Roney Cytrynowicz diz: “Com essa lei, duas pessoas que se conhecessem e quisessem namorar tinham que se certificar da origem étnica/racial não só do companheiro, mas também de seus quatro avós” (CYTRYNOWICZ, 1990, p.17).

Isso porque para os nazistas, os judeus não eram apenas aqueles que praticavam as ordens do judaísmo, mas sim aqueles que tivessem até dois avós judeus, dando importância à descendência a esses. Muitos se sentindo ameaçados com o terror que caíra sobre eles, tentaram a emigração, porém nem todos conseguiram, visto que vários países estavam de portas fechadas para estes. Nesse período foram surgindo especialistas de árvores genealógicas para a fiscalização das ancestralidades.

Esse tipo de função foi feito pela International Business Machines, a IBM, empresa estadunidense, que formou aliança com o nazismo, instituindo uma filial dessa na Alemanha, sua ajuda começou desde as primeiras semanas da ascensão de Hitler e perdurou durante boa parte da guerra, automatizando e tornando muito mais rápidas as represálias aos judeus.

Edwin Black argumenta que a IBM não era nazista e nem anti-semita, seu negócio era o dinheiro, se fosse lucrativo não hesitaria em fazê-lo.

E já na introdução de seu livro coloca:

A IBM da Alemanha inventou o recenseamento racial listando não apenas filiações religiosas, mas linhagens étnicas que remontavam a gerações. Nisso consistia a concupiscência de dados dos nazistas. Não apenas contar os judeus, mas também identificá-los. (BLACK, 2001, p.4).

A IBM desenvolveu muitas outras informações para o nazismo, além da identificação censitária e dos rastreamentos dos ancestrais, fizeram os processos de registro, agenciaram as ferrovias, organizaram o trabalho nos campos de concentração, no entanto, o que se tem de mais expressivo dessa empresa foram listas de nomes fornecidas para que os nazistas organizassem e documentassem o genocídio. Não havia computador na época, mas o sistema de *Holerith* desenvolvido pela IBM permitiu todo processo comentado. A tecnologia consistia em cartões perfurados onde cada orifício detinha uma característica diferente de uma pessoa. Assim, colocavam-nos em uma máquina que lia e classificava de acordo com as informações contidas.

De acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman (1998), o grande aspecto de uma sociedade moderna é a capacidade de organização burocrática. E o nazi soube ser eficiente nesse aspecto, visto que produziu um dos acontecimentos mais bem documentados da história. Até um museu da “raça extinta” foi erguido em Praga, contabilizando cerca de 40 mil objetos de valor sentimental e econômico, e 100 mil documentos provindos de sociedades judaicas dizimadas durante o período. Isso para lembrarem da “anti-raça” que estavam combatendo e para exaltar a glória da vitória tão acreditada naquele momento.

O que podemos perceber com o processo de perseguição e posteriormente de aniquilação dos judeus é que: o curso da modernidade civilizadora reutilizou a violência em prol do progresso, usando da racionalidade para dar bases teóricas e materiais ao holocausto.

Sobre esse assunto Bauman diz: “O genocídio moderno é um elemento de engenharia social que visa produzir uma ordem conforme um projeto de sociedade perfeita”. (BAUMAN, 1998, p.114).

Sociedade essa que não foi idealizada somente pelos nazistas, pois já na França do século XVIII, com a ascensão do iluminismo e da ciência moderna se tinha esse ideal. Podemos dizer, dessa forma, que a idéia de modernidade não colocou fim à desumanidade do homem para com o homem, pelo contrário, o tornou isento de culpas morais, visto que defendiam uma verdade.

Alguns pogroms foram executados contra os judeus, onde o mais famoso aconteceu no dia 9 de novembro de 1938, conhecido como a noite dos Cristais, nome esse que se originou devido as várias vidraças quebradas dos

comércios judaicos, nessa noite mais de 400 sinagogas foram incendiadas, seus livros sagrados, os rolos da Torah foram jogados em grandes fogueiras, cerca de 7.500 lojas e residências foram quebradas e saqueadas, mais ou menos 100 mil judeus mortos e 30 mil despachados para os campos de concentração.

Os nazistas responsabilizaram os judeus pela destruição ocorrida, obrigando-os a pagar uma multa de um bilhão de marcos, implicando no confisco de suas propriedades. Alguns judeus chegaram a pedir indenização nas cortes da justiça, mas lhe foram negadas. Muitos nazistas foram absolvidos da acusação de terem assassinado judeus naquela noite.

As perseguições dos judeus foram ficando cada vez mais violentas, foram obrigados a usar a estrela de Davi, e aos poucos muitos foram presos em guetos. Exemplo disso foi o gueto de Lodz, formado, formado no início de 1940, com 160 mil a 200 mil pessoas numa área de 3,2km e o de Varsóvia concluído em outubro de 1940, com cerca de 450 mil judeus.

Nesses lugares a fome era algo constante entre seus moradores, de acordo com Roney Cytrynowicz (1990) a ração alimentar média diária consistia em cerca de 800 calorias. Morria-se das mais diversas causas, tuberculose, problemas coronários, desnutrição, tifo, desinteira entre outras coisas. Esse isolamento físico dos judeus iniciou um processo de exclusão social destes. Posteriormente seriam mandados para os campos de concentração e de extermínio.

Com a Segunda Guerra iniciada vários campos de concentração foram erguidos, porém eles começaram a ser construídos desde a subida de Hitler em 1933 tendo, sido o primeiro campo Dachau que a princípio comportou opositores do governo, como as testemunhas de Jeová que se opunham as lutas ao lado dos nazistas. Muitas empresas se instalaram nesses campos pra aproveitar do trabalho escravo dos prisioneiros, como a I.G. Farben, BMW, AGFA, Telefunken, Musserchmett, Heinkel e Zeiss-Ikon.

A situação dos judeus andava precária, e em 1941, Hitler decide que era preciso uma política mais ofensiva contra eles. Começavam então, a projetar o genocídio. Nesse mesmo ano em 22 de junho aconteceu a operação Barbarosa, a Alemanha invadiu a União Soviética e exterminou milhares de judeus, principalmente com fuzilamentos. A Alemanha considerava a guerra contra a

União Soviética muito importante, pois precisava libertar Moscou do “judeu-bolchevista”.

Os alemães associavam judeus e comunistas, considerados grandes inimigos. De acordo com isso, Cytrynowicz diz: “Uma das formas de difusão desta pretensa ligação foi mito da conspiração judaica mundial, segundo o qual os judeus controlariam os comunistas como uma das formas para dominar o mundo”. (CYTRYNOWICZ, 1990, p.61).

A invasão rendeu aos alemães cerca de três milhões de prisioneiros, sendo que mais da metade estaria morta em 1942, devido aos maus tratos, a tifo, pneumonia, fome e exaustão.

A solução final para a questão judaica, no entanto, viria no início de 1942. No dia 20 de janeiro do mesmo ano, Reinhard Heydrich, diretor do serviço de segurança e chefe da polícia de segurança nazista, convocou uma reunião, onde discutiram quais seriam os novos procedimentos contra os judeus.

Importante deixar claro que o nazismo não visava matar os judeus como indivíduos separados, mas sim como uma praga coletiva, uma doença que deveria ser sanada.

Tendo isso em vista, os membros convocados decidiram que, para o bem da Alemanha, os judeus deveriam ser expulsos de todas as esferas de vida social da Alemanha. A perseguição e a deportação para os campos de extermínio aumentavam cada vez mais. O extermínio passou a ser sistematizado e mais uma vez com o auxílio das técnicas modernas.

Os nazistas tinham uma grande preocupação com os métodos utilizados para os assassinatos. Tinha que ser de uma forma ágil e eficaz, algo que não “maltratasse” muito os executores. O fuzilamento deixava vários soldados frustrados, um método para substituir, ou auxiliar foi a dos caminhões-câmaras de gás, onde direcionavam o escapamento para dentro dos veículos, sufocando as pessoas.

Essas mortes ganharam o codinome de “tratamento”. As vítimas demoravam cerca de 15 minutos para morrer, os rostos ficavam desfigurados e seus corpos cheio de sangue, urina e fezes, a expressão de sofrimento ficava estampada em seus rostos. A imagem que se tinha era algo muito forte, então, os nazistas passaram a obrigar os próprios judeus a tirarem os corpos e enterrarem.

Logo as câmaras de gás foram implantadas na Polônia, país onde se encontravam a maior parte dos campos de extermínio. O gás utilizado foi o *Zyklon-B*, produzidos pelas fábricas *Degesch* em Dessau.

Cytrynowicz (1990) argumenta que os nazistas negavam até o direito de saberem que estavam se encaminhando para a morte, isso para evitar qualquer reação dos prisioneiros, as câmaras de gás pareciam com grandes banheiros, ganhavam uma tolha e uma barra de sabão para dar a ilusão de que iriam tomar banho, no entanto quando as portas se fechavam, o que se tinha era um procedimento eugênico, mas não de água limpando corpos e sim de gás limpando o Reich da “raça degeneradora”.

Os presos eram transportados aos campos em vagões de gado, a viagem era geralmente longa e muito difícil, devido a super lotação muitos não chegavam ao seu destino com vida.

No campo a chegada não era algo aconchegante. De acordo com o jornalista Lawrence Malkin (2007), a recepção era desumanizadora, pois perdiam os últimos bens miseráveis que lhes restavam, como as roupas e a dignidade ao se verem de cabeça e púbis raspadas.

Já na plataforma de desembarque a primeira seleção era feita, os mais fortes e saudáveis para o trabalho permaneciam vivos, até quando não se sabe. Os outros tinham o destino da câmara de gás. Havia também os prisioneiros que seriam mandados para os laboratórios médicos, servindo de cobaias para experiências medicinais. Esse era o caso dos gêmeos e dos anões. Joseph Mengele, médico do campo de Auschwitz-Birkenau, era um dos apaixonados por esse tipo de prática.

Certa vez algo surpreendente aconteceu. Ao desembarcar os prisioneiros, viram sete anões e logo chamaram Mengele. Este ao vê-los ficou feliz, pois descobriu que os sete eram irmãos (Ovitz), assim teria trabalho para o resto da vida, tentando entender como uma família pôde gerar sete anões irmãos e qual seria a genética deles.

Pessoas com deficiências físicas, com os Ovitz, só comprovavam como a “raça judaica” era degenerada para os nazistas. Podemos perceber, no entanto que a desumanização dos judeus aconteceu desde os primeiros anos de governo de Adolf Hitler. Para humilhá-los, cortavam suas barbas e cabelos

em público, além de fazê-los lavarem as ruas com pequenas escovas, obrigando-os a ficarem de joelhos no chão.

Nos campos, essa prática acontecia de diversas formas. Não podiam usar suas próprias roupas, tinham o uniforme listrado, recebiam triângulos para identificar o tipo de prisioneiros que eram, os amarelos formando uma estrela eram dados aos judeus. Nessa mesma lógica recebiam um número em seus uniformes e em seus braços.

Esses últimos constituíam na chamada tatuagem, Primo Levi químico italiano e sobrevivente de Auschwitz-Monowitz comenta sobre elas:

A operação era pouco dolorosa e não durava mais do que um minuto, mais [sic] era traumática. Seu significado simbólico estava claro para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais; [...] Vocês não tem mais nome: este é o seu nome. A violência da tatuagem era gratuita, um fim em si mesmo, pura ofensa: não bastavam os três números de pano costurados nas calças, no casaco e no agasalho de inverno? Não, não bastavam: era preciso algo mais, uma mensagem não verbal, afim de que o inocente sentisse escrito na carne a sua condição. (LEVI, 1990, p.72).

Tudo gerava em torno da idéia de demonstrar o poder de superioridade dos nazistas, até a organização dos campos partilhavam desses signos, marcando assim as características sócio-culturais e psicológicas dos prisioneiros. Sobre esse respeito Izidoro Blikstein (1956), diz: “As torres de vigia constituíam o elemento vertical dos prisioneiros; a organização de suas vidas é marcada pela ordem e pelo alinhamento Horizontal, desde a disposição dos blocos até o formato da praça [...] (BLINKSTEIN, 1956, p. 470)”. Por fim, podemos dizer que a Alemanha nazista não era um lugar seguro para judeus, e essa insegurança atingiu outros lugares, devido ao expansionismo do Reich.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A CONJUNTURA POLÍTICA DA ROMÊNIA (1918-1940) E A HISTÓRIA DA FAMÍLIA OVITZ

Os judeus eram um elemento não nacional num mundo de nações já existentes ou em surgimento.

Hannah Arendt

As idéias a seguir foram apoiadas em teorias de autores como Ático Mota, Paulo Fagundes Vizentine, Roney Cytrynowicz, Louis L. Snyder, Yehuda Koren e Eilat Negev, que apresentam o período entre as guerras mundiais, bem como os planejamentos políticos da Europa e do Oriente e a atuação das políticas fascistas.

Depois de muitas disputas territoriais com a Hungria, a Romênia se tornou um Estado unitário em 1918, e isso acarretou em grandes transformações, aumentando sua capacidade industrial, fazendo a reforma agrária em 1921, modificando benéficamente as condições sociais, políticas e culturais. Nessa mesma época instituíram o voto universal.

De acordo com Ático Mota (1988), foi em 1923 que a constituição foi escrita, refletindo assim na consolidação da unidade estatal.

O País era cheio de partidos políticos, havia até um partido alemão e outro judaico, além de três partidos fascistas, a Guarda de Ferro, a Cruzada do Romenismo e o Partido Cristão. O primeiro foi o que mais apresentou perigo a soberania do país, pois recebia apoio político e financeiro dos círculos hitleristas.

Após 1930, a Romênia enfrentou uma crise política, e os partidos passaram a entrar em divergência. Algumas forças políticas defendiam o regime parlamentar constitucional, e outras acreditavam no regime ditatorial carlista.

Ático Mota diz que, como os partidos se mostravam ineficientes para resolver o problema interno, o rei Carlos II entregou o poder a um partido sem grande expressão política, dirigido por Octavio Goga e A.C Cuza, mas logo foram afastados do cargo, para que o rei instaurasse em 10 de fevereiro de 1938 sua ditadura. Com essa medida a liberdade democrática foi abalada e os partidos caíram na ilegalidade.

A década de 1930 no que diz respeito ao setor sócio-econômico foi agitada, muitos se levantaram para defender a independência econômica da Romênia contra o capital estrangeiro. A partir de 1933 as lutas sociais se intensificaram causando muitas greves. O período entre guerras apesar das dificuldades políticas, desenvolveu as ciências, o ensino, a literatura e a arte.

A política exterior se concentrou em defender a consolidação do Estado nacional e unitário, a integridade territorial preocupava a Romênia principalmente pelas pressões dos Estados fascistas que visavam o expansionismo. Dessa forma procurou manter-se aliada das potências aliadas como França e Grã-Bretanha.

A Romênia firmou alianças regionais com a Tchecoslováquia e a Iugoslávia, suas metas eram proteger e contribuir para a consolidação da segurança na zona do sudeste e do centro europeu. Também fez parcerias com a Grécia, Turquia e novamente com a Iugoslávia em 1934, essa foi uma forma dos Estados balcânicos tentarem manter a integridade e soberania de seus territórios.

As tentativas de formar alianças começaram antes da década de 1930, pois o fizera, com a Polônia, França e até um pacto de amizade com a Itália. Já em 1928, propôs o pacto de *Briand-Kellog*, que condenava qualquer ação agressiva e colocava a guerra como algo ilegal. No ano seguinte assinou com a União Soviética, Polônia, Letônia e Estônia o protocolo de Moscou, que pregava preservação e a paz.

A Romênia no período entre guerras fez várias tentativas de manter sua unidade territorial, tentando afastar os perigos de uma possível ofensiva bélica. No entanto, as ambições dos países fascistas aumentaram as chances de guerra.

A Alemanha sem encontrar dificuldades anexou a Áustria em 1938, já em *Mein Kampf* Hitler falava dessa necessidade, sendo o próprio *Führer* (guia) austríaco, acreditava que ambos os países possuíam fortes ligações culturais, principalmente porque falavam a mesma língua.

De acordo com Louis L. Snyder a Áustria depois da Primeira Guerra Mundial saiu reduzida a uma pequena república, com aproximadamente 6,5

milhões de habitantes, com a moeda desvalorizada, um comércio fraco e um povo esfomeado.

A Liga das Nações (organização que procurava estabelecer a ordem e a paz na Europa, constituída principalmente pela França e Inglaterra) apoiou financeiramente o país, e assinou junto a ele o tratado de *Saint Germain*, que proibia o *Anchluss* (união).

O que aconteceu, no entanto, foi que conforme as idéias do nacional socialismo cresciam, a Áustria ia sendo influenciada. Snyder, conta que Hitler passou a fomentar a sua política em ambos os lugares, ajudando os nazistas austríacos a dar um golpe de Estado.

Com isso, a situação dos judeus foi se tornando cada vez mais difícil, passaram a sofrer perseguições, humilhações, torturas e muitos foram mortos, devido à ideologia de higienização racial que previa a “Grande Mãe” Alemanha. Em setembro, do mesmo ano, aconteceu a conferência de Munique, onde estiveram presentes Alemanha, Itália, França e Grã-Bretanha, assinaram uma concessão para que o Estado Alemão ficasse com uma parte da Tchecoslováquia (a região dos Sudetos), isso para evitar que a dominação total, no entanto ela acontece em 1939.

Com medo que a guerra chegasse ao seu território, a Romênia se declarou neutra em relação aos ataques fascistas, e no dia 1ª de maio de 1939 houve grandes manifestações em Budapeste e em outras cidades do país, contrarias as medidas de Hitler.

O objetivo da Alemanha era garantir ao povo alemão o *Lebensraum* (espaço vital). Hitler acreditava que a “raça superior” tinha o direito de expandir seu território, fortalecer seus domínios sobre as regiões ocupadas que eram de importância política e econômica.

Com isso, a invasão da Polônia aconteceu no dia 1ª de setembro de 1939, e conforme Paulo Fagundes Vizontini (1989), nenhuma defesa expressiva foi preparada, mesmo com a *Luftwaffe* (força aérea alemã) ter sobrevoado o país uma semana antes do ataque, e até o dia 10 de setembro o exército polonês não havia sido todo mobilizado.

Como a Alemanha e a URSS haviam firmado um pacto de não agressão que conferia a repartição da Polônia caso fosse invadida, a República Soviética ocupou a parte oriental no dia 17 de setembro.

A Polônia era o país que abrigava a maior comunidade judaica do mundo, constituindo-se no principal centro cultural, religioso e político desses. O historiador Roney Cytrynowicz afirmou que o judaísmo polonês era a base social da cultura *ídishe*.

Com a tomada alemã, a perseguição aos judeus se deu de forma violenta, acarretando em muitos assassinatos, posteriormente foram separados socialmente em guetos e depois mandados para os campos de concentração e extermínio, esse era procedimento em praticamente todos os países ocupados pelo nazismo, embora em alguns tenha havido resistência como na Holanda.

Na Dinamarca o nazismo não encontrou grandes problemas, pois o país quase não apresentou resistência, diferente da Noruega, onde foi preciso mandar forças navais e pára-quedistas, havendo combates com as forças anglo-francesas que se encontravam ali.

No dia 10 de maio de 1940, aconteceram várias ocupações, entre elas: Bélgica Luxemburgo, França e a Holanda. De acordo com Vizentini, a Alemanha em 1941 controlava direta ou indiretamente seus 75 milhões de habitantes, mais 220 milhões dos países ocupados. Suas ambições alcançam lugares como a Hungria, já apresentava um caráter anti-semita, e a Romênia que lutava para manter sua unidade territorial.

Cytrynowicz (1990) afirmou que, da mesma forma que na Alemanha e Polônia, a exclusão social dos judeus nesses países citados, não enfrentou de uma forma geral oposição sistemática por parte da população, embora em alguns países ocidentais tenha havido casos de ajuda cotidiana a esses.

Ático Mota (1988) diz que a nova conjuntura internacional criou para a Romênia uma das mais trágicas situações, porque em 28 de junho de 1940, após o ultimato do governo soviético, a Bessarábia e a parte norte da Bucovina foram anexadas à URSS. Em 30 de agosto do mesmo ano, a Alemanha e a Itália impuseram à Romênia o *Diktat* de Viena, obrigando-a a ceder a parte norte da Transilvânia à Hungria Horthysta, nessa região moravam aproximadamente 2,5 milhões de habitantes, na sua maioria romenos, e Ático Mota diz: “A entrada das tropas horthystas na parte nordeste da Transilvânia fez reviver cenas dignas das invasões dos hunos ou dos tártaros.” (Mota, 1988, p.292).

Isso porque nos primeiros meses houve uma série de assassinatos, torturas, saques e destruições, sendo os principais alvos, mulheres, padres

crianças, camponeses, intelectuais e judeus. O rei Carlos II estava desacreditado no plano interno e sua autoridade no externo não fazia diferença, dessa maneira, abdicou em 6 de setembro de 1940. A administração do país ficou nas mãos do general Íon Antonescu, que durante um período dividiu o poder com a organização fascista Guarda de Ferro. Tal medida veio a desenrolar numa política muito ofensiva contra os judeus, o exército romeno foi considerado o único não germano a agir de formas cruéis na luta contra o judaísmo.

2.1 A FAMÍLIA OVITZ

E é nesse contexto que se insere a história da família Ovitz, judeus da aldeia de Rozavlea, que se localiza ao norte da Transilvânia. Esses vêem suas vidas passar por grandes transformações com a anexação húngara e com o expansionismo nazista e sua conduta ofensiva aos judeus. Essa história foi contada por dois jornalistas israelenses Yehuda Koren e Eilat Negev, e uma breve apresentação será narrada.

O patriarca Shimshon Eizik Ovitz teve duas mulheres, a primeira Brana Ovitz lhe deu duas filhas, a segunda Batia Bertha Ovitz lhe deu oito. Dos dez filhos, sete herdaram suas características genéticas: o nanismo. O pai era um homem religioso e acabou se tornando rabino, era muito querido em sua comunidade e educou seus filhos de acordo com o judaísmo, morreu aos 55 anos depois de comer um peixe venenoso num jantar de casamento.

Batia, a segunda mulher, morreu sete anos depois e a partir daí os irmãos tiveram que arranjar formas de sobreviver sem os pais. Aproveitando de seus dons artísticos formaram uma trupe (*Lilliput*), o único irmão que não participou dos negócios foi Arie, esse se tornou alfaiate e se mudou para Sart Maré.

Os *Lilliput* viajaram por vários lugares fazendo apresentações e com o tempo se tornaram bastante populares. Ganharam mais visibilidade na década de 1930, quando o nanismo se tornou objeto de curiosidade dos cientistas, foram procurados por vários médicos para pesquisas.

Nos anos de perseguição aos judeus eles não foram abalados e como dizem Koren e Negev, nem estavam conscientes que o mundo tremia debaixo

dos pés dos judeus europeus. No entanto, não levou muito tempo para que a guerra os alcançasse como já dito, por conta de estratégias políticas em 1940 a Transilvânia deixou de ser romena para se tornar húngara. Os irmãos Ovitz comemoraram tal acontecimento, pois achavam que o governo romeno rude era às questões sociais, só não sabiam que a nova administração era anti-semita. E assim, como ocorria na Alemanha e outros países, foram instituídas leis anti-judaicas, os privando de muitos lugares da esfera social.

Os próprios anões foram proibidos de se apresentar para um público não judeu. Com isso os Ovitz decidiram ir para Budapeste e passaram a disfarçar suas identidades semitas, então, pararam de falar *idiche* em público e quando eram escalados para se apresentar em sextas-feiras ou sábados (dias de devoção e estudo da religião judaica) um sempre fingia estar doente.

Em 1941, o governo húngaro deportou cerca de 35 mil judeus, onde 23 mil foram massacrados em apenas dois dias. Nesse mesmo ano os maridos das anãs foram convocados para a guerra.

Por volta de 1944, a URSS começou a avançar cada vez mais, e Hitler passou a desconfiar da aliança húngara. Assim, acabou invadindo o país, essa operação ficou conhecida como “Operação Margarida I”. Pós esses acontecimentos, os judeus passaram a ser perseguidos e mandados para os campos de concentração na Polônia.

No dia 7 de abril de 1944, ordenou-se a guetização de todos os judeus húngaros e os da região de maramures. Os Ovitz foram presos em 15 de abril do mesmo ano. No dia 14 a repressão cresceu, e foram obrigados a caminhar nove horas até a estação de trem. Tal procedimento seria muito difícil para uma pessoa de estatura normal, para os anões a dificuldade pode ser triplicada devido as suas pernas curtas e de fraca resistência.

Os Ovitz foram encaminhados para os vagões na subida, sendo quase que pisoteados. No compartimento deles havia 80 pessoas, e como o espaço era pequeno ficavam todos de pé. A viagem era muito longa e com o tempo o vagão foi se enchendo de fezes e urina, pois o trem parava muito pouco e os prisioneiros só podiam descer sob a mira de rifles e com a ameaça de que todo o vagão seria morto caso alguém fugisse. Na descrição dos jornalistas não há relatos de morte no vagão dos Ovitz, porém esse tipo de coisa era muito comum.

Assim que chegaram a Auschwitz-Birkenau, foram separados homens, mulheres e crianças. Os vizinhos dos Ovitz (de Rozvlea, cidade onde moravam) se juntaram a eles fingindo ser uma única família. Os soldados ficaram espantados pela quantidade de anões numa única família e deixaram todos juntos, inclusive os de estatura normal.

O médico do campo Joseph Mengele foi chamado para vê-los, e acabou se interessando, salvando-os das câmaras de gás para se tornar cobaias de pesquisas médicas.

Os Ovitz sofriam várias experiências e quase que semanalmente era colhido muito sangue para tentar descobrir como uma família pode gerar sete anões. Como os nazistas ficaram sabendo que os irmãos faziam parte de uma trupe e passaram a obrigá-los a realizarem apresentações no campo. Embora a irmã caçula Perla negue esse acontecimento, os jornalistas colocam em evidência relatos colhidos de outros prisioneiros de Auschwitz que lembram e confirmam a história de que eles faziam shows, mesmo que a contra gosto.

A família ficou presa até o fim da guerra em 1945, sobrevivendo aos maus tratos a que foram submetidos e conseguiram voltar para Rozvlea, mas sentiram que aquele lugar já não lhes pertencia. Então, emigraram para Israel, onde se estabeleceram e passaram o restante de suas vidas.

GIGANTES NO CORAÇÃO: ANÁLISE DA BIOGRAFIA DE YEHUDA KOREM E EILAT NEGEV

Ainda que deva transmitir que nunca odiei o Dr. Mengele. Eu deveria tê-lo odiado, porque era um assassino, mas ele nos deixou viver.

Perla Ovitz.

A história oral veio possibilitar o registro de testemunhos ao acesso de histórias dentro de histórias, ampliando as interpretações do passado, conforme Verena Alberti (s/d). A biografia, muitas vezes fruto da oralidade nos traz novas abordagens, os vestígios do tempo não se apresentam somente na forma escrita, mas são proferidos pelo filtro da memória, implicando usos de métodos para verificar seu teor de esquecimento, seleção exagero e omissão.

Para tal trabalho, aceitamos que a biografia se mostra como um documento complexo que necessita de questionamentos e análises sobre suas especificidades. Já não se aceita mais o discurso como algo pronto e acabado. É preciso problematizá-lo e inseri-lo num contexto social.

A verificação dessas fontes confere ao historiador desafios incisivos, na qual buscamos entender porque alguém decide contar sua história, como o fez e para quem faz?

Nesse sentido é importante que uma biografia possa ter várias definições, finalidades e geralmente é escrita por uma segunda pessoa, ou seja, os acontecimentos nos chegam filtrados, pois passaram pela relação do biografado e das interpretações do biógrafo. Já a autobiografia não percorre o mesmo caminho, nos possibilitando decompor melhor suas constituintes.

Tendo feito essas considerações, a preocupação que nos atenta é a questão dos relatos de sobreviventes do Genocídio Judaico na Segunda Guerra Mundial, como fontes que nos possibilitam compreender melhor especificidades acerca do acontecimento a partir do olhar de uma testemunha ocular.

Para tal procuramos argumentos nas teorias de Pierre Bourdieu (2002), que nos esclarece sobre as formas ilusórias que a biografia nos dá, pois essa

geralmente se mostra como autêntica, cronológica, cheia de significados coerentes. De acordo com Bourdieu, o relato de uma vida pretende apresentar o modelo oficial de si, no entanto, quando o biógrafo tenta se tornar ideólogo de sua existência acaba significando-a superficialmente. A unificação do “eu” passa a imagem de percurso existencial cronologicamente inteligível. Então, o autor aponta para a necessidade de conhecer melhor o contexto em que o biografado esteve inserido, tanto o dos acontecimentos narrados quanto o do momento em que escreve, tentando atribuir ao indivíduo a condição de ser social.

Dessa forma, Vavy Pacheco Borges (2006) admite que a razão pela qual lemos uma biografia é para saber sobre uma pessoa e também sobre sua época e sociedade e, uma das formas mais simples e encontradas de relatos é uma biografia “científica” ou “literária”, que aborda a narrativa com finalidades históricas, maneira pela qual tentam “perpetuar” suas histórias.

Esse certamente é o caso da obra *Gigantes No Coração*, o livro nos vem como uma biografia que procurou dar conta de contar a história das vítimas dos nazistas, enforcando testemunhas oculares, nos possibilitando compreender aspectos das sociedades em que os biografados estavam inseridos.

O título original da obra se apresenta como *In our heart we were giants*, foi publicado pela primeira vez em 2004, ganhando tradução para o português em 2006, com José Gradel. O livro que foi escrito por dois jornalistas israelenses, Yehuda Koren e Eilat Negev, apresentando vinte e um capítulos.

O que levou aos autores escrever a obra foi uma referência num livro didático a respeito de uma trupe de sete anões Auschwitz que fizeram uma turnê pela cidade de Israel. A partir disso ficaram intrigados com a história e passaram a pesquisar o assunto, até chegar ao sobrenome da família: Ovitz.

Procuraram na lista telefônica e encontraram Perla, a irmã caçula, a única viva até o momento e essa se mostrou receptiva quando soube do que se tratava. Koren e Negev visitaram-na quinzenalmente para recolher relatos sobre sua vida e de seus irmãos.

O trabalho dos autores corresponde a quase todas as teorias citadas no início desse capítulo. Uma das primeiras coisas que fizeram depois de identificar o interesse sobre o assunto foi buscar meios para tornar a pesquisa

mais adequada. Somente as conversas com Perla não se mostraram suficientes, foi preciso entendê-la enquanto um ser social, para isso buscaram auxílio em leituras á respeito do período como as políticas da época, a forma como a sociedade vivia e como se desenvolveu o Genocídio Judaico.

Fizeram varias viagens, visitando arquivos de museus na Polônia, Alemanha, Estados Unidos e Israel, contaram com uma equipe de apoio, dentre eles consultores e especialistas, que verificaram os materias recolhidos, dentre eles alguns historiadores e geneticistas. Contaram também com o auxilio de pesquisadores e tradutores e com uma agente literária, Erika Stegmann e três diretores, Philip Turner, Peter Skutches e Keith Wallman.

Colocando em prática as teorias citadas de Bourdieu os jornalistas procuraram entrevistar outras testemunhas oculares e colocar em embate as histórias narradas a respeito da família Ovitz.

No livro não há nenhuma referência de patrocínio da pesquisa, mas como são jornalistas ativos em jornais de Israel, escrevendo também para a imprensa britânica e alemã, como no Saturday Times, Guardian, Daily Telegraphi e Die Welt, é possível que tenham recebido apoio financeiro de tais instituições, mas essa é uma afirmação que não podemos confirmar.

A obra é estruturada em três momentos: O primeiro se foca na infância da família e posteriormente no sucesso enquanto trupe. O segundo busca elucidar as perseguições nazistas, o encarceramento em Aschwitz e os sofrimentos das personagens. O último se fundamenta na reconstrução de suas vidas após a libertação do campo pelos soviéticos.

A narrativa é bem construída e explicativa. Como possuem facilidade literária, a história nos é contada de forma simples e emocionante, embora seja uma trágica história devido ao advento do nazismo e suas conseqüências. Ela permeia traços lúdicos que os autores souberam retratar bem.

Os indícios da pesquisa bibliográfica dos jornalistas podem ser notados em momentos que explicam situações políticas ou até mesmo vidas particulares como a de Joseph Mengele, médico e “tutor” da família no campo, trazem ao leitor não apenas sua figura estabelecida de médico, mas fazem um breve histórico de sua vida até conseguir o posto que ocupava em Auschwitz.

O tema do livro chama a atenção para um aspecto diferente. Sete anos de uma mesma família sobreviveram ao Holocausto, relatos de

sobrevivência de prisioneiros geralmente mostram grandes perdas humanas durante o acontecimento. Nesse caso o que se tem é uma família inteira de sobreviventes, pois além dos sete anões outras duas de estatura normal os vizinhos de Rozvlea (cidade natal) que fingiram ser da família mais a cunhada e sobrinho dos Ovitz, totalizando vinte e duas pessoas sobreviveram às torturas, maus tratos, pressões psicológicas e humilhações.

Tal situação nos remete a uma passagem do livro onde os jornalistas contam que Perla relata sobre o lembrete de sua mãe Batia no leito de morte, pedindo que eles se unissem, pois era a união que faria com que suas vidas se tornassem algo menos difícil não precisando da bondade e caridade de estranhos. E é essa a condição que os ajudam a sobreviver, Koren e Negev apontam que se talvez chegassem do campo separados raramente sobreviveriam.

Como Mengele havia poupado-os para pesquisas, foi necessário passar pelo procedimento básico dos campos, como raspar a cabeça e ficar livre dos pêlos. Em determinado momento um oficial exigiu que tirassem suas roupas para tomar banho de desinfecção.

Perla lembra desse acontecimento dizendo que o irmão mais velho, Avram, implorou para que não ficassem nus um na frente do outro, já que eram judeus ortodoxos. Tal apelo foi ignorado Perla conta que foram mandados para a câmara de gás, e quando começaram a inalar o gás as portas se abriram e Mengele surgiu furioso em busca de seus anões.

Nesse momento do livro podemos perceber claramente o método que coloca o relato em embate com as evidências, pois os autores afirmam que a partir da verificação histórica com especialistas, sugerem que de acordo com eles as câmaras de gás foram planejadas para matar grandes quantidades de pessoas com o gás *Zyklon B*, elas não eram usadas para gaseificar apenas vinte e duas pessoas, grupos pequenos eram fuzilados. É possível que tenha sido apenas um banho mesmo como Perla narrou a história décadas depois seu discurso anexou informações contidas durante esse percurso.

Os Ovitz foram poupados do segundo banho de água fria, dos cortes de cabelo, da busca pelos orifícios do corpo em procuras de jóias, e quebrando a anormalidade do campo, obtiveram suas roupas depois de desinfetados. Foram alojados no *Familien lager* (campo da família), esse havia abrigado no

início (1943) judeus, tchecos e ciganos. Este campo era uma espécie de camuflagem que os nazistas usavam. Mantinham famílias juntas em condições melhores que dos outros prisioneiros para refutar relatórios de exterminação em massa em Auschwitz-Birkenau caso fossem inspecionados pela cruz vermelha, nele não havia segregação entre homem e mulher. O campo não era supervisionado por Mengele, mas esse pode colocar sua grande família recém-chegada ali, garantindo a sobrevivência e a união deles.

Yehuda Koren e Eilat Negev afirmam que apesar disso Mengele não poupou os anos da tatuagem e dizem que mesmo dolorosa ela era bem recebida pelos prisioneiros, pois indicava que haviam a princípio escapado da execução, no entanto, quase no fim do livro Perla Ovitz ao contar sua história a crianças de uma escola em Haifa, chora quando lembra da tatuagem, lamentando que perdeu seu nome e naquele momento só ela desmaiou-se duas vezes.

A tatuagem é uma evidência concreta dos horrores nazistas, pois o tempo apaga algumas lembranças, mas as marcas dos números gravadas na pele permanecem.

A respeito das lembranças de Perla os jornalistas pouco falaram dos processos para se analisar a memória, só dizem que a anã tinha uma memória incrivelmente vívida.

Acreditamos, no entanto, que esse é um ponto primordial da construção de uma biografia. Para o historiador Jaques Le Goff, a memória é uma forma de considerar estas informações, que permitem as pessoas atualizar impressões ou informações passadas.

A memória se tornou alvo constante dos historiadores a partir de 1970 com a Nova História, e desde então, vem sendo usada em benefício das análises históricas.

E assim como os documentos, elas também devem ser interrogados a respeito de sua veracidade, principalmente devido à seleção dos acontecimentos para se contar a história. E não só por isso algumas vezes o biografado deseja esconder algumas coisas e exaltar outras, como já dito, ele geralmente procura apresentar o melhor de si.

Essa é uma situação que fica clara quando em uma passagem do livro, aonde Perla narra que os médicos fizeram dolorosos exames ginecológicos em

suas irmãs, mas afirma que esses não foram feitos nela, e não explica o porquê foi poupada, é possível que tinha acontecido com ela, mas o sentimento de vergonha que fez com que ela omitisse essa informação.

Perla também nega o fato dela e de seus irmão terem feito apresentações artísticas no campo, no entanto, os jornalistas em conversa com outras testemunhas afirmam que eles fizeram, geralmente por um pouco mais de comida. Embora o biografado omita algumas informações, é preciso entender que mesmo a memória faz a sua seleção, muitas coisas são esquecidas durante o percurso da vida e algumas vezes essa é a única condição de continuar vivendo.

O holocausto é construído por memórias que chamamos de traumáticas. Marcio Seligmann-Silva (2003) a define como a memória que foi ferida, esse pode levar as pessoas a modificar inconscientemente os acontecimentos ao contá-los.

Gigantes No Coração foi escrito usando da narrativa literária, como não estamos em contato direto com os relatos de Perla, o que nos cabe é analisar como os jornalistas fizeram a obra, devido a isso é difícil dizer se Perla narrava sua história com detalhes, se omitia muitas situações, se emocionava com frequência, entre outras coisas.

A maioria dos fatos transcritos pelos autores estão localizados no segundo período do livro, de acordo com a divisão de tempo que demos no início do capítulo.

Lá é possível perceber que sua memória se enquadra na teoria de Seligmann (2003), pois geralmente se remete a momentos sofríveis, como uma vez que foi obrigada, junto aos irmãos, ficar nus diante de uma grande platéia de oficiais nazistas, percebemos que conta com grande lamentação e vergonha. E sempre que pode comenta sobre as dificuldades físicas que encontravam no campo de concentração e extermínio.

O cotidiano num campo geralmente exige esforços, em grande parte desumanos, como os trabalhos forçados que matou muita gente por exaustão, a comida escassa deixando muitas pessoas, em estado de inanição e a chamada para contagem de prisioneiros, essa última poderia durar longos períodos, e se os prisioneiros não resistissem a ela permanecendo eretos e bem acordados poderiam até ser assassinados.

A condição frágil das estruturas corpóreas dos anões fez com que Mengele lhes concedesse mais esse privilégio, eximindo-os das chamadas, e tal acontecimento foi estendido às pessoas de tamanho normal e a seus vizinhos que nunca seriam descobertos em relação ao parentesco com os Ovitz.

O cuidado que Joseph Mengele teve com os anões nos leva a acreditar que para obter resultados em suas pesquisas era necessário mantê-los relativamente saudáveis por isso foram poupados de muitas situações torturantes no Campo.

A maioria das experiências médicas a que foram submetidas se voltou para a enorme quantidade de sangue que lhe foram retirados diariamente perfurações em varias partes do corpo, cegando-os por alguns dias e a exames ginecológicos.

Os jornalistas afirmam que nos anos de 1940 a medicina tinha uma obsessão pelo sangue e seus elementos, pois acreditavam que o plasma retinha todos os traços de doenças e a genética das pessoas.

Outra especificidade bem trabalhada na biografia é a respeito da história do nanismo, fazendo um breve histórico sobre a situação desses no curso da história.

Uma coincidência aconteceu no campo da família. Dina Grottlieb, também prisioneira do campo, e que havia estudado arte, desenhou a mando dos nazistas um mural da Branca de Neve e os sete anões na escola do campo pra camuflar os horrores que eram praticados ali.

O filme da Disney que demorou três anos para ser concluído foi o primeiro longa-metragem animado, lançado no ano de 1937, e ganhou seu auge nesse período. A estudante amava a história e o desenho inspirou as crianças a encenarem uma versão adaptada para a situação, nomeando-a de Branca de Neve em Auschwitz. Devido ao sucesso do mural de Dina, ela acabou se tornando auxiliar de Mengele, desenhando as características físicas das pessoas.

Dina narra aos jornalistas a situação mais inesperada que presenciou no campo:

Um dia, via uma coluna de anões trotando na minha direção como numa cena de filme. Eram sete; eu não podia acreditar em meus olhos. Era como se todos os meus anões de desenho animado – Dunga, Zangado, Atchim, e todos os outros – tivessem descido do mural do barracão das crianças e adquirido vida. Mas eu não era a Branca de Neve, e eles eram reais. Não pude deixar de sorrir em resposta aos anões, e ao número mágico sete – havia alguma coisa otimista e encorajada naqueles seres frágeis conseguindo sobreviverem aqui.

(Dina, in: KOREN; NEGEV, 2006, p.93).

Essa impressão de Dina é algo constante quando se pensa em sete anões, o sucesso do filme nos remete ao lúdico mundo animado, mas no caso dos Ovitz a situação era trágica, não havia um bosque, muito menos uma Branca de Neve, o que se tinha era sofrimento e um médico fanático por experiências.

Como o interesse de mantê-los vivos se dava na perspectiva de melhores trabalhos experimentais, Mengele acreditava – e não só ele, mas essa foi uma característica do início do século XX –, que a genética que esteve à frente da ciência podia estabelecer a base fisiológica do nanismo, apesar de tudo isso, os anões sobreviveram junto com sua família e os vizinhos, e retornaram a Rozvlea, lá decidiram que iriam recomeçar suas vidas em Israel e se mudam para lá em 1949.

Foram recebidos com curiosidade, situação normal já que uma família de sete anões não é uma coisa comum de se ver, a própria Perla já não se chateava com o espanto. Os Ovitz e seus vizinhos pararam de se falar quando chegaram a Israel, um não reconhecia o outro enquanto essencial para a sobrevivência no campo.

Os quinze membros Ovitz ficaram a princípio alojados num barracão de madeira e Perla lembra que as condições do lugar não eram muito boas, e chega a dizer que pelo menos o Dr. Mengele havia lhe dado um quarto com banheiro.

Lá se estabeleceram e ganharam grande parte de suas vidas atuando como nos tempos da juventude, só que o vigor já não era o mesmo. E em 1955 deixaram de atuar para administrar um cinema.

A respeito da tentativa de captura de Mengele, Perla deixa transparecer seus sentimentos mais humanos dizendo:

Eu não estava procurando vingança, mas estava claro para todos que quando um inspetor viesse investigar os crimes nazistas iríamos cooperar. Ainda que deva transmitir que nunca odiei o Dr. Mengele. Eu deveria tê-lo odiado, porque era um assassino, mas ele nos deixou viver. Não que ele gostasse de nós, apenas nos usou para favorecer sua ambição de se tornar um cientista famoso. Mas graças a ele nós tivemos alguma liberdade no campo.

(Perla, in: KOREN: Negev, 2006, p.205).

É perceptível o conflito de sentimentos, porque a razão mostrava que a conduta de Mengele não era correta, sendo infinitas vezes cruel, mas a emoção não a deixava odiá-lo, pois sobreviveram, mostrando assim um sentimento de gratidão.

Os anões testemunharam na justiça preenchendo quatro páginas de suas histórias. Joseph Mengele nunca foi capturado, passou anos escondido na América Latina e foi encontrado morto no Brasil.

Perla conta que a única razão pela qual gostaria que ele fosse pego era para ficar horas contando sobre as conseqüências que aquele período e suas experiências causaram. Mas ela não pode fazê-lo, apenas chorou quando soube da notícia de sua morte.

Tendo feito essas considerações podemos afirmar que *Gigantes No Coração* é um testemunho filtrado e bem trabalhado no enquadramento histórico. Michel Pollak afirma que o enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história, os jornalistas o fazem inserindo os relatos das testemunhas no contexto histórico das sociedades em que viveram.

Perla Ovitz morreu no dia 9 de setembro de 2001, três anos antes de o livro ser lançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos possibilitou entender que as biografias e autobiografias referentes ao genocídio judaico têm auxiliado o historiador para melhor analisar o acontecimento. Os estudos sobre o holocausto ainda vem sendo feitos, pois devido à falta de referência de uma atrocidade parecida, os pesquisadores se vêem na necessidade de mais esclarecimento para historicizar o genocídio.

Michel Pollak (1992) afirma que poucos períodos históricos foram tão estudados como o nazismo, incluindo sua política anti-semita e a exterminação dos judeus, no entanto, as histórias individuais raramente são estudadas, além do mais foram poucas as pessoas que romperam o silêncio e contaram suas experiências.

Gigantes no Coração é uma importante biografia, primeiro porque o enquadramento histórico que os autores dão nos possibilita conhecer um pouco mais de uma região pouco estudada quando se fala de Segunda Guerra Mundial, como a Romênia e a Hungria. Depois porque apuram suas fontes e constroem uma narrativa que nos leva questionamentos do sentimento de humanidade. Trazendo a tona ainda, um relato a mais, memórias que poderiam ter se perdido para sempre, Pollak afirma que uma das causas de muitos sobreviventes não falar de suas experiências está relacionado ao sentimento de vergonha, como já dito Seligmann acredita que muitos se calam por conta do trauma, no entanto, Pollak diz que algumas pessoas quando vão chegando ao fim da vida se vêem na necessidade de contar suas histórias com medo de cair no esquecimento determinados acontecimentos históricos.

Assim, afirmamos que rememorar o genocídio judaico na Segunda Guerra Mundial é uma forma de tentar fazer com que as pessoas percebam que o autoritarismo e a intolerância podem levar os homens a situações limites das quais esperamos que o mundo não queira ver novamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro. FVG. S/d.

AZRIA, Régine. **O Judaísmo**. Trad: Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo. Edusc, 2000.

BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEREZIN, Jaffa. A Schoá ou Holocausto na Literatura. In: **Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico**. Osvaldo Coggiola (org). São Paulo. Série eventos. FFLCH-História. USP, S/d.

BLACK, Edwin. **IBM e Holocausto: A aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana**. Trad: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro. Editora do Campus. S/d.

BLINKSTEIN, Isidoro. **Anti-semitismo, fascismo e holocausto: Análise semiológica do campo de concentração de Dachau**. Porto Alegre. Expressão e Cultura. 1956.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da Biografia. In: **Fontes históricas**. Pinsky, C. B. (org.) São Paulo. Contexto, 2006.

BOURDIEU. Pierre A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da história oral**. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (orgs). Rio de Janeiro. ED FGV, 2002.

CASTRO Hebe. História Social. In: **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs). Rio de Janeiro. Elisevier, 1997.

CUNHA, Antônio, Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986

CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da barbárie**: a história do genocídio dos judeus na segunda guerra mundial. São Paulo. Nova Stella. Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

DIEHL, Astor Antonio. **Cultura Historiografia**: memórias, identidade e representação. Bauru, SP. Edusc. 2002.

FINKESTEIN, Norman G. **A indústria do holocausto**. Trad: Vera Grestel. Editora Record, 2001.

FRANK, Anne M. **O diário de Anne Frank**. Trad: Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro/ São Paulo. Editora Record. S/d.

FRATSILA-HILA. Augustin. **Romênia: Encruzilhada de dois mundos**. São Paulo. Editado pela sociedade cultural "Brasil Romênia". S/d.

GOLD, Alison L. **Memórias de Anne Frank**. Trad: Annabella Blyth. Rio de Janeiro. Ediouro, 2000.

GOLD, Alison L. **O outro lado do diário**. Trad: Merilena Pires Caetano. São Paulo. Best Selles. 1987.

GOLDHAGEN, Daniel, J. **Os Carrascos voluntários de Hitler**: O povo alemão e o Holocausto. Trad: Luís Sérgio Roi Zman. São Paulo. Cias das Letras. 1997.

KOREN, Yehuda; NEGEV, Eilat. **Gigantes no Coração**; A emocionante história da trupe Lilliput; uma família de anões que sobreviveram ao holocausto. Tradução: José Gradel; Rio de Janeiro; Relume Dumará, 2006.

LAFER, Celso. **Hannah Arendt**: Pensamento, persuasão e poder. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2003.

LANZMANN, Calude. **Shoah**: Vozes e faces do holocausto, Trad: Maria Lucia Machado. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1987.

LE GOFF. Jacques. **Memória e História**. Campinas. ED. Unicamp, 1990.

LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.

MALKIN, Lawrence. **Os Falsários de Hitler**: o golpe secreto do terceiro reich para destruir a economia Aliada. Trad: Laura Alves e Aurélio Barroso Rebello. Rio de Janeiro. Ediouro. 2007

MEIHY, Carlos Sebe B. **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo. Xamã, 1996.

MENESES, Ulpiano T. B. **A história, cativa da memória?** Revista do instituto de estudos brasileiros, São Paulo, 34: 9-24. 1992

MOTA, Atico V. B. **Momentos da história dos Romanos**. Brasília. The Saurus, 1988.

NAQUET, Pierre Vidal. **Os Assassinos da Memória**: Um Eichmann de Papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Trad: Mariana Appen. ED. Papyrus. 1988.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad: Yahra Aun Khoury. In: **Projeto história 10**. Revista do programa de estudos pós-graduandos em história e do departamento de história. Ed. PUC_USP, 1933.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: História: **Novos Problemas**. Le Goff, Nora. Trad: Theo Santiago. Rio de Janeiro. F. Alves. 1976.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**: Estudos históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10. P. 200-212. 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**: Estudos históricos. Rio de Janeiro. Vol. 2, n. 3, p.3-15

ROSEMAN, Mark. **OS Nazistas e a Solução Final**: a verdadeira história da conferência de Wannsee. Trad: Maria Luiza X de A. Borges. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2003.

SELIGMANN-SILVA. Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas. ED. Unicamp, 2003

SILVA, Kalina V; SILVA, Maciel H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo. Contexto, 2006.

SNYDER, Louis L. **La Guerra**: 1939-1945. Tradutor: Antonio Ribeira. Ediciones Martinez Roca, s/d.

VERENA, Alberti. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro. FVG. S/d

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **A II Guerra Mundial**: 1931/45. Porto Alegre. Mercado aberto. 1989.

WIESEL, Elie. **A Noite**. Trad: Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro. Ediouro, 2001.

WIESEL, Elie. **O Golem: a história de uma lenda**. Trad: Celina Portacarrero. Rio de Janeiro. Imago, 1986.

WIESEL, Elie. **OS Mensageiros**. São Paulo. Roswitha Kempf. 1975.

WIESEL. Elie. **Almas em fogo**. São Paulo. Perspectiva, 1979.